

COMANDANTE HUSSI, DE JORGE ARAÚJO: CONTEXTO SÓCIO – HISTÓRICO - POLÍTICO, RELIDOS PELA PROSA POÉTICA

COMMANDER HUSSI, BY JORGE ARAÚJO: SOCIAL - HISTORICAL - POLITICAL CONTEXT, RE-VIEWED BY POETIC PROSE

Narrian Daniely de Oliveira¹
Márcia Elizabeti Machado de Lima²

RESUMO: Intentamos a leitura do romance contemporâneo *Comandante Hussi*, do escritor e jornalista cabo-verdiano Jorge Araújo, ilustrado pelo angolano Pedro Souza Pereira, também jornalista. O contexto da guerra civil 1998 é matéria-prima para a construção do enredo do romance, cujo protagonista é a personagem infantil, Hussi, transposta da realidade da guerra em Guiné-Bissau. No percurso do estudo focamos, sobretudo, na construção da personagem Hussi, em que realizamos uma análise que integra texto e contexto, demonstrando elementos que convergem aspectos sócio-histórico-políticos com poesia e fantasia. Verificamos como o autor reescreve a história utilizando-se da crítica em forma de paródia. Para cumprir o intento, fizemos levantamentos bibliográficos com a finalidade de embasamento teórico-crítico, que contaram, entre outros, com os autores: Antonio Candido, Benjamin Abdala Junior, Tania Franco Carvalhal, Affonso Romano Sant`Anna e Maria Aparecida Santilli; mais duas teses de doutorado, a primeira, de Avani Souza Silva *Narrativas orais, Literatura Infantil e Juvenil e identidade cultural em Cabo Verde*, a segunda de Márcia Elizabeti Machado de Lima, *Capitães Da Areia E Cinco Balas Contra A América: Escritura, Transgressão E Militância Em Narrativas Engajadas*.

Palavras-Chave: Comandante Hussi; Jorge Araújo; Paródia; História.

ABSTRACT: We intend to read the contemporary novel *Comandante Hussi*, by Cape Verdean writer and journalist Jorge Araújo, illustrated by Angolan Pedro Souza Pereira, also a journalist. The context of the 1998 civil war is the raw material for the construction of the plot of the novel, whose protagonist is the child character, Hussi, transposed from the reality of the war in Guinea-Bissau. In the course of the study, we focused, above all, on the construction of the character Hussi, in which we carried out an analysis that integrates text and context, showing elements that converge socio-historical-political aspects with poetry and fantasy. We verified how the author rewrites history using criticism in the form of parody. In order to fulfill this aim, we carried out bibliographic surveys for the purpose of theoretical-critical support, which included, among others, the authors: Antonio Candido, Benjamin Abdala Junior, Tania Franco Carvalhal, Affonso Romano Sant`Anna and Maria Aparecida Santilli; two more doctoral theses, the first by Avani Souza Silva *Oral narratives, Children and Youth Literature and cultural identity in Cape Verde*, the second by Márcia Elizabeti Machado de Lima, *Capitães Da Areia and Five Bullets Against America: Scripture, Transgression AND Militancy In Engaged Narratives*.

Keywords: Commander Hussi; Jorge Araújo; Parody; History.

¹ Acadêmica egressa do curso de Letras da Unemat/Cáceres, autora do artigo.

² Profa^a orientadora e autora do artigo.

INTRODUÇÃO

No campo político é preciso manter a lucidez, mesmo que isso pareça uma espécie de loucura, num contexto em que a loucura é a norma. No campo literário estou a favor da loucura, da fantasia, dos fantasmas, dos mitos.
(Mario Vargas Llosa)

A tradição de capturar os acontecimentos e as crenças das comunidades vem da época em que os humanos se sentaram pela primeira vez ao redor de uma fogueira para contar casos. Hoje lemos as histórias que nos comovem até mesmo pelo celular. E algumas dessas histórias causam-nos reflexão sobre a vida e os acontecimentos. Passamos a pensar sobre o significado da vida e o que estamos fazendo, enquanto seres humanos.

As guerras, as violências e as grandes catástrofes que atingem boa parte da população mundial é uma constante em nosso planeta, desde a origem dos seres humanos. Mas, quase sempre, em meios a essas tragédias, é que vislumbramos as maiores histórias de superação, de esperança e sonhos. É nesse contexto que surge o nosso interesse pela personagem do comandante Hussi que faz parte da obra ficcional intitulada *Comandante Hussi*, de autoria de Jorge Araújo, publicado em 2006.

Jorge Araújo vive hoje em Portugal, tem formação em Jornalismo e atuou em várias partes da África, na cobertura de conflitos civis e armados, tendo inclusive, feito refletir em suas narrativas essa atuação. Para efeito de informação, já que Araújo não é tão conhecido e nem estudado no Brasil, elencamos a sua bibliografia: *Timor: O Insuportável Ruído das Lágrimas* (2000), em parceria com Hernâni Carvalho, José Vegar e Luciano Alvarez; *Nem Tudo Começa com um Beijo* (2005); *Comandante Hussi* (2006); *Paralelo 75 ou o Segredo de Um Coração Traído* (2006); *Cinco Balas Contra a América* (2007); *O Dia Em que a Noite se Perdeu* (2008); *Beija-Mim* (2010) e *O Cemitério dos Amores Vivos* (2015). Uma das características marcantes de suas obras são as ilustrações do angolano Pedro Souza Pereira, também jornalista, que se divide entre a atuação na imprensa e o trabalho de ilustrador.

O interesse pela personagem Hussi surgiu a partir do encantamento propiciado pela leitura da obra, pela forma como o autor enlaça fatos reais às subjetividades do pequeno Hussi, como sonho e realidade se aliam na construção estética da obra.

Assim, apresentamos o contexto sociocultural e histórico em que foi construído o enredo da narrativa; a linha de diálogo entre a realidade e a ficção, por meio da personagem Hussi e a análise da construção da identidade de Hussi, como o autor utiliza os recursos da

paródia para dinamizar a narrativa, em um contexto de luta.

CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE *COMANDANTE HUSSI*

Nascida através de vozes diversas, mas unidas pelo mesmo ideal, a literatura africana em língua portuguesa transmite não apenas as mazelas e o sofrimento de seu povo, como também o sonho de liberdade, a luta pela independência, suas riquezas e belezas que ao longo dos anos foram traduzidos em prosa e em versos, ultrapassando as fronteiras desse continente e ajudando a escrever a sua história (Robério Américo do Carmo Souza).

O ato de contar histórias é tão antigo quanto a própria humanidade. Ralph Waldo Emerson já dizia que “alguns livros nos deixam livres e alguns livros nos tornam livres”. Essa é a essência do que está em nossa mente a partir da leitura de *Comandante Hussi*. O objeto de nosso estudo é uma obra arrebatadora, que cria em nós o prazer pela leitura e descoberta do mundo da personagem Hussi. Menino de vida simples, coração cheio de alegria, que gostava de jogar futebol com os amigos, que mesmo em meio à guerra, carrega em si a ingenuidade de uma criança que sonha em voltar a ver sua bicicleta.

A história, muitas vezes, é contada a partir de um determinado acontecimento, e sua visão do fato dependerá do lugar que o sujeito que narra ocupa na sociedade. Assim, podemos dizer que a literatura ocupa um lugar de destaque nos embates e denúncias sociais, Antonio Candido propõe que fatores socioculturais podem influenciar o artista em seu processo criativo, considerando “em que medida a arte é expressão da sociedade”, e “em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais” (CANDIDO, 1967, p. 23).

Na literatura a história do homem vai sendo registrada e compartilhada, dentro de diferentes contextos, seja social ou de épocas, que partilham de situações comuns ao próprio homem. Partindo dessa perspectiva, podemos dizer que é possível criar várias leituras e releituras verossímeis da realidade, quer elas de cunho biográfico ou fictícias, Mesmo que a literatura não tenha o compromisso com a realidade histórica, é sempre possível verificar os elos estabelecidos entre a literatura e sociedade.

Comandante Hussi é uma dessas obras que tem suas raízes em fatos históricos, mas renascem sob o brilho poético da literatura, que ressignificam as personagens para o nosso contexto social, se não fosse assim, não seria criação literária. Silva (2015) discute a construção da literatura de língua portuguesa em solo africano, destacando que:

O escritor cabo-verdiano diaspórico Jorge Araújo, ao escrever Comandante Hussi, imprime atualidade à Literatura Infantil e Juvenil de seu país. Promovendo diálogos com outros espaços africanos de língua portuguesa por intermédio da intertextualidade com textos da literatura moçambicana e da utilização do contexto guineense como matéria literária, constrói uma novela com elementos do maravilhoso, incorporando ilustrações do angolano Pedro Sousa em desenho a lápis, pintura em aquarela, e com rolo de tinta (SILVA, 2015. p. 259).

Essa breve introdução sobre a obra que analisamos é importante para compreendermos o contexto em que ela é realizada e como transmite a ideia de liberdade e superação.

Trata-se da república da Guiné-Bissau que tem, além da superfície continental, cerca de quarenta ilhas, que formam o Arquipélago de Bijagós, com reservas naturais. Sua capital é Bissau. Colônia portuguesa desde o século XV, Guiné-Bissau teve sua independência reconhecida em 1974. Hoje tem um presidente eleito democraticamente José Mario Vaz, membro do Partido da Independência de Cabo Verde e Guiné (PAICG), apesar disso ainda não se reconstruiu desde a guerra civil. O país vive da pesca e da agricultura, sendo o sexto produtor mundial de cacau. Tem uma região rica em petróleo, Casamansa, objeto de conflito com o país vizinho, o Senegal. A Língua Portuguesa, que é oficial, convive com línguas nativas como, por exemplo, o crioulo da Guiné-Bissau.

O contexto da guerra civil de 7 junho de 1998 é pano de fundo para a construção da história de Comandante Hussi, é significativo para que possamos entender como Araújo narra a disputa política entre o brigadeiro Ansumane Mane (Brigadeiro Raio Sol) que comandou um golpe contra o presidente que estava há 19 anos no poder NinoViera (Comandante Trovão). O confronto fez milhares de refugiados guineenses, tanto no interior do país quanto por todo o continente africano. A guerra finaliza com capitulação de Nino Viera em maio de 1999. Dessa forma, como afirma Lima, (2015) é preciso atentar para a intertextualidade, isto é, a leitura, a releitura, a escritura e a transgressão.

Ao considerar o exposto por Lima (2018) buscarei mostrar algumas estratégias de releitura em que percebemos os processos de apropriação intertextual, balizados pela reflexão de Abdala Júnior, em que afirma: “A apreensão ideológica faz, assim, matéria literária, questões do discurso social, organizado nas articulações artísticas, em meio a múltiplos níveis de codificação” (ABDALA JUNIOR, 1989, Apud LIMA, 2015).

Ainda em complemento à ideia supracitada, é conveniente embasarmos-nos em Carvalho que traduz, bem, o reflexo do contexto sócio-histórico-cultural nas produções literárias vinculadas à estética da intertextualidade ao relatar que: “O diálogo entre os textos

não é um processo tranquilo nem pacífico, por serem os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais [...]” (CARVALHAL, 1986).

De acordo com Lima (2018), assim como o Brasil, apesar de menos anos de dependência política, Cabo-Verde é ex-colônia de Portugal, país localizado na zona equatorial do oceano Atlântico a 500 quilômetros da costa do Senegal, é um arquipélago formado por dez ilhas de origem vulcânica, conquistou a independência de Portugal em 1975, tendo sido explorada desde o século XV. Inicialmente, irmanado à Guiné-Bissau, outra colônia portuguesa, desencadeia-se o processo revolucionário pela descolonização, criando o Partido da Independência de Cabo Verde e Guiné (PAIGC), movimento que teve fundamental importância mesmo em meio a desacordos entre as duas colônias irmãs.

Ainda, segundo Lima (2018), a geografia da Guiné-Bissau dificultava o acesso das tropas portuguesas contrarrevolucionárias, tinham também ao seu favor o fator histórico de a vizinha Guiné-Conakry, ex-colônia francesa já estar liberta desde 1958 e o Senegal, livre desde 1960, oferecerem refúgio aos militantes do PAIGC. Por esses aspectos a Guiné considerava-se em vantagem em relação a Cabo Verde mesmo fazendo parte do mesmo movimento.

A mesma fonte considera relevante a atuação do PAIGC para o fim da ditadura salazarista, uma vez que por força da situação, Portugal obrigava-se a desfalcicar a sua tropa militar para reforçar a opressão em solo africano, o que se constitui em análise interessante daquele contexto histórico, fazendo uso de um dito popular, seria “o feitiço virando-se contra o feiticeiro”.

Conforme Lima (2018), é inegável a contribuição de Araújo à formação do sistema literário cabo-verdiano, assim como é inegável que a maior parte das suas obras tematizam a história de Cabo Verde e de seu povo com todas as conquistas, dores, alegrias, conflitos, contradições, perdas e danos. No entanto, há que se pensar que como autor contemporâneo, com estilo próprio, afasta-se bastante dos moldes da escrita de quando o seu povo vivia o Neocolonialismo e o momento exigia que se produzisse uma literatura mais inteligível à pequena percentagem de sujeitos alfabetizados, mesmo que isso limitasse a produção quase que somente àquela sociedade.

Ao retomarmos à historiografia das literaturas africanas de língua portuguesa, vemos que um longo caminho de quase anonimato foi percorrido pelos antecessores de Araújo, para que hoje ele pudesse produzir apoiado em uma estética que parodia a história, que questiona o movimento que engendrou a independência, que exige dos leitores maior amadurecimento,

por que não dizer abre um leque de leituras possíveis que não cabem todas em uma única pesquisa. Validamos essa reinvenção do autor como:

[...] estratégias de um imaginário político, onde as imagens-ação recuperam peças definidoras da nação, para — na ação política/textual — construir uma nova realidade (social, poética). Esta não se fixa no presente alienado, nem na utopia plenipotente, mítica, mas no processo de atualizações das formas do devir, nas redes articuladoras do texto (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 193).

Lima (2018) ressalta que Jorge Araújo, jovem e contemporâneo nosso, opta por falar do seu processo de escrita quando abordado pela imprensa, mesmo porque a crítica especializada sobre as suas obras ainda é quase inexistente no Brasil, em Portugal onde ele vive e, mesmo em Cabo Verde, onde nasceu. O que nos causa estranhamento pela produção significativa do autor, tanto em termos de número como de qualidade literária. Assim, à época do lançamento de *Beija-Mim* (2010), Araújo diz a Ana Vitória do Jornal de Notícias em Estoril:

Há pessoas que escrevem em blogues, que tiram notas em caderninhos que depois guardam na gaveta. Não faço nada disso. Apesar de viver da escrita, mais do que um jornalista, sinto-me repórter. Gosto de ir para o terreno, ouvir a história e depois contá-la. Acho que não há muita diferença na maneira como escrevo para os jornais e na forma como escrevo os meus livros. É obvio que o facto de ser jornalista, e de, durante muitos anos, ter sido repórter, me dá muita matéria que depois utilizo nos meus livros. Foi assim que aconteceu com a minha obra de estreia, *Comandante Hussi*.

Portanto, a tessitura literária de Araújo pelo depoimento acima, é recolhida de sua vivência, o que atesta o empenho do autor, a exemplo de Amado, de sentir a realidade para recriá-la. No entanto, mesmo Araújo dizendo que a sua escrita romanesca não se distingue muito da escrita jornalística, cabe a nós leitores e pesquisadores descobrir isso, seus romances não são relatos, se assim o fossem não seria literatura. Há um tratamento específico aos temas que toma para romancear, há paródia, ironia, poesia, elementos que diferenciam a escrita romanesca da escrita informativa.

A título de ilustrar um pouco mais como em seus romances, Araújo distancia-se da escrita jornalística. Tomemos um trecho da primeira página de *Comandante Hussi*, sendo Hussi o nome do protagonista que teria sido um dos muitos meninos com o qual o jornalista Araújo teve contato ao fazer cobertura jornalística de conflitos, e esse menino em especial, em 1999 durante o golpe de Estado na Guiné-Bissau, mereceu ser homenageado com um

romance que leva o seu nome no título.

Todo o livro nos leva a aproximarmo-nos do que vivem os seres mergulhados em espaços de guerra, mas com leveza tal que nos faz sentir a leveza estética. O narrador abre o romance com a cena em que o pai de Hussi tenta acordá-lo em uma manhã de domingo, ao que se segue a narrativa do sonho do menino que mal sabia que daí a pouco teriam que bater em retirada para fugir da guerra:

Hussi nem sequer pestanejou em despertar, continuou a dormir como uma pedra aquecida, ensanduichado entre os irmãos Totonito e Tuasab, a saia da mãe, dona Geca, a aconchegar-lhe os pés, os braços de Doskas, o caçula da família, entrelaçados aos seus. Ainda só ia no terceiro sono, a meio de um sonho cor-de-rosa, deslumbrado a ver sua bicicleta voar com a elegância de uma borboleta, escoltada por duas imponentes águias reais, perseguida por um cortejo de andorinhas faladoras (ARAÚJO, 2006).

A partir desse ponto seguem-se os diálogos entre Hussi e a sua bicicleta que ele terá de deixar para trás ao fugir, mas que em toda a narrativa sonhará dormindo ou acordado com a volta e o reencontro com a bicicleta, com destaque às ilustrações que permeiam a obra. Esse romance deu a Araújo o Prêmio Gulbenkian de Literatura Para Crianças e Jovens, que à ocasião disse "Este é um livro que deve ser lido pelos adultos e que também pode ser lido por crianças". A referida fala do autor pode ser vista em concordância com a crítica da escritura de ênfase social, que recolhe da realidade a sua matéria, mas não a simplifica, não a rotula nem a direciona ao um público exclusivo, o que a diminuiria em termos estéticos.

Ao considerar o exposto, convidamos Abdala Junior para validar o que se coloca como uma escrita literária comprometida e nada fácil:

O grande desafio para o escritor de ênfase social — parece-nos — é a construção de um objeto literário capaz de comunicar-se simultaneamente com diversas faixas de leitores, o que será possível por um eficaz processo de sobre-codificação do texto artístico. [...] diferente da simples comunicação referencial, pois que enquanto obra de arte a relação com a realidade que ela estabelece é múltipla (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 128).

Araújo consegue a leveza necessária para que sua obra seja lida por diferentes faixas etárias de leitores, sem deixar de trazer suas marcas ideológicas. De acordo com Lima (2018), Em *Comandante Hussi* também aparece o interdiscurso parodístico em referência a sujeitos reais da História mundial, com dedicatória a alguns deles no início do livro. Destacamos para ilustrar essa afirmação, a fala do narrador sobre a personagem Brigadeiro Raio de Sol que na

obra isola-se pelo desencanto com a política do país: “Para além da agricultura, a sua outra grande paixão eram os livros — colocou na estante a obra de Stálin, lado a lado com a biografia de Gandhi, para que o ditador fosse forçado a aprender a arte da tolerância” (ARAÚJO, 2006, p. 27).

PARA ALÉM DOS FATOS, A FICÇÃO

Não consideramos o texto literário como que fechado em si mesmo. Ao contrário, qualquer forma artística é impregnada de marcas sociais e históricas. A análise crítica, nessa perspectiva, associa as múltiplas relações com o contexto literário e a situação comunicativa (ABDALA JUNIOR).

O que se passa na cabeça e no coração de uma criança que vive a experiência amarga da guerra? Essa pergunta na orelha do livro *Comandante Hussi* é bastante significativa se formos analisá-la com profundidade. A história da humanidade está repleta de histórias de superação em meio aos conflitos existentes no mundo. E, como não nos comovermos aos lermos essas histórias. *O diário de Anne Frank* (2003) que foi composto pela então adolescente Anne Frank, no período que se estende de 1942 a 1º de agosto de 1944. Este poderia ser um diário escrito por qualquer garota de 13 anos, nos tempos atuais, com todas as inquietudes e preocupações de uma jovem, se ela não estivesse vivendo justamente em um dos contextos mais difíceis da história da Humanidade, a Segunda Guerra Mundial.

Outro destaque é *O menino do Pijama Listrado* (2006), uma história emocionante escrita por John Boyne que retrata um dos períodos mais tristes da humanidade. O livro nos mostra a visão de uma criança sobre a Segunda Guerra Mundial e os campos de concentração em que os nazistas exterminaram milhares de judeus. O livro foi adaptado para o cinema e o filme, lançado em 2008, emocionou e continua emocionando muitas pessoas.

Todas são histórias que nascem a partir de conflitos existentes no mundo em que crianças estão inseridas. Esses conflitos, a falta de estrutura e apoio às crianças, faz com que elas lutem pela sobrevivência em meio ao caos. Hussi existe com toda força da existência, tanto no contexto real quanto no universo ficcional recriado no enredo de Araújo. Nasceu em Guiné-Bissau, de uma família pobre, e tem três irmãos. O jornalista Jorge Araújo o conheceu em 1999, quando foi ao país cobrir o golpe de Estado que acabara de ocorrer ali. Mais tarde, ele e o ilustrador Pedro Sousa Pereira transformaram a história de Hussi em romance. Avani Souza Silva destaca que:

A obra *Comandante Hussi*, cujo espaço ficcional é a Guiné-Bissau em momento de guerra e de forte impacto emocional para a população e para o protagonista – um menino de doze anos -, a nós se afigura emblemática da Literatura Infantil e Juvenil de Cabo Verde, porém, um diálogo com a Guiné-Bissau, não somente pelo espaço ficcional e pela construção das personagens, mas porque ela se apresenta como uma mediação entre esses dois espaços geográficos, fortemente ligados outrora, cultural e politicamente (SILVA, 2015, p. 260).

Um menino de doze anos que carrega em si uma gama de sentimentos, de quem é tirada a oportunidade de ter uma vida normal como deveria ser para todas as crianças. Assim como Hussi, milhares de crianças, em centenas de lugares no mundo, passam por problemas semelhantes todos os dias. Pouco ou quase nada é feito para resolver o problema das desigualdades e conflitos egoístas que geram guerras e outras mazelas que assolam a humanidade.

Dado esse destaque para o entendimento do contexto da obra e da história de Hussi, interessa-nos ir além, na intertextualidade do livro para entender os seus meandros linguísticos e culturais. Se a Literatura tem o poder de criar mundos imaginários, pode também fazer o caminho contrário e chamar a nossa atenção para o mundo real, que muitas vezes desconhecemos ou não queremos enxergar. A leitura de *Comandante Hussi* abre os nossos olhos para a dura realidade de diversos países da África, e também para o fato de que Hussi é apenas uma entre milhões de crianças no mundo que vivem expostas à guerra e à pobreza.

Ao acompanharmos a trajetória de Hussi, somos transportados ao mundo de magia que a mente dele vivia a imaginar, em contrapartida ao mundo real onde as guerras e os conflitos surgiam para tentar destruir o mundo por ele imaginado. Para compreendemos esses dois paralelos, temos que ter em mente toda uma construção histórica de ligação entre esses dois países tão importantes para a compreensão da leitura da obra. Silva pontua o que, de fato, representa a obra ou como ela está estruturada.

Comandante Hussi é uma obra de Literatura Infantil e Juvenil Cabo-verdiana produzida na diáspora; no entanto, estabelece um vínculo muito forte com a Guiné-Bissau. Primeiramente, porque é uma obra importante do ponto de vista literário produzida na diáspora de um cabo-verdiano, tendo como espaço ficcional e matéria literária a Guiné-Bissau (SILVA, 2015. p. 262).

A obra tem como cenário ambos os territórios e faz uma ligação da importância da

língua portuguesa, nesse contexto. A narrativa sobre as peripécias da personagem vai possibilitando termos um vislumbre de todo contexto histórico dessa diáspora.

Hussi não viveu uma das muitas guerras. Guerras onde também se falou ‘estrangeiro’ – francês – por causa dos milhares de soldados do Senegal e da Guiné-Conacri que se bateram e morreram, ao lado de homens fieis a Nino Vieira [...]. Desde que as armas se calaram, o rapaz de doze anos não tem um minuto de descanso. Percorre as ruas de Bissau com os seus companheiros de armas em marcha triunfal. [...] Foram disparos de RPG-7, de obuses, de blindados. Só que desta vez as tropas de Ansuname Mané passaram pelas linhas controladas pelos homens de Nino Vieira. [...] Vencido, humilhado, o antigo presidente procurou refúgio na Embaixada de Portugal [...] (ARAÚJO, 1999, p. 24).

Portanto, não foram poucas as dificuldades que Hussi viveu na guerra, mesmo sendo ainda um menino, e é vencedor junto com as tropas de Ansuname Mané, e conclamado um herói pelos companheiros, Hussi é um combatente na vida real e também na vida ficcional. Dessa forma, vamos vislumbrando as nuances propiciadas pelo texto jornalístico, do qual nasce a narrativa literária, que nos faz entender as agruras da guerra, os conflitos internos e os sonhos alquebrados do pequeno Hussi. É o que destaca Silva em sua descrição sobre a obra literária:

[...] é uma obra literária que elabora diálogos: vinculada ao espaço literário cabo-verdiano, estabelece um diálogo com o espaço sócio-histórico e cultural guineense: espaço ficcional, nome das personagens, ficção inspirada em acontecimentos da história recente do país, e o mais importante: um protagonista foi inspirado em uma personagem real, ou seja, um menino guineense chamado pelos militares de Comandante Hussi, que dá nome a novela (SILVA, 2015, p. 262).

Os diálogos na literatura são fundamentais para entendermos os contextos retomados pela narrativa e o entrelaçamento das personagens. Os contextos históricos, sócio-político e cultural ajudam-nos a compreender as personagens e a trama que está sendo desenvolvida. No caso de *Comandante Hussi*, a língua portuguesa falada nesses dois países da África acaba sendo divulgado para os outros países de língua portuguesa.

A AVENTURA DE HUSSEI PELO MUNDO DA GUERRA

A literatura infantil e juvenil apresentada em *Comandante Hussi* nos coloca diante de realidades diferentes como as vividas pelas crianças dos países africanos de língua portuguesa e em muitas partes da Europa. Ao explicar sobre esse fato, Silva (2015) apresenta o resumo

do que foi destacado pelo próprio autor em um semanário português:

Era uma vez um menino. Pobre mas feliz. Feliz porque tinha um tesouro. Não era um vistoso boneco do Rambo – daqueles que se transformam em carro de combate e avião supersônico -, nem uma sofisticada metralhadora de brincadeira, que acende uma luzinha irritante e faz mais barulho do que qualquer arma de verdade. Muito menos um computador capaz de navegar pela internet com jogos que desafiam até as madrugadas mais longas. Era um tesouro que só uma criança pode ter. O tesouro desse menino era uma bicicleta. Confronta-se aqui o mundo do combatente rebelde Hussi da Guiné e o das crianças européias no mundo globalizado que desloca as identidades (SILVA Apud ARÚJO, 1999, p. 22)

A personagem Hussi encontra a felicidade na simplicidade de um garoto que ama sua bicicleta, os dois (ele e a bicicleta) em seu imaginário viviam grandes aventuras, voavam nas nuvens “o seu corpo franzino flutuava sobre o selim, uma suave brisa acariciava lhe a carapinha, abraçava o arco-íris com asas de veludo” (206 p.16). Essa imagem de um garoto feliz com sua bicicleta, que vive em um mundo intocável, é tragicamente destruída pela guerra e os conflitos. Em nosso imaginário, agora, transita este sonhador que nos faz viver essa aventura.

O pai de Hussi, ao sair para guerrear, elege o menino como o homem da casa, mas a mãe protesta que o filho ainda é criança, e o pai afirma: “– Numa guerra não há crianças.” (2006, p.35). Em sua inocência o menino tenta proteger a bicicleta enterrando-a no quintal, na despedida descobre com assombro que ela falava. A bicicleta não apenas fala e ouve, ela também tem sentimentos, “chora pelos pedais” tem frio, medo e solidão. A guerra é marcada para sempre em Hussi como “o dia em que foi obrigado a deixar para trás a sua bicicleta” (2006, p.42). Como podemos ver há uma personificação da bicicleta, desse modo, a narrativa traz o tom do “maravilhoso”. A personagem, até então, era uma criança como outra qualquer:

Hussi também vai à escola, mas a guerra a interrompeu. Suas paixões são o futebol e a bicicleta, símbolo de liberdade. Ele ingressa na guerra, mesmo contra a vontade dos pais, tendo que se comportar como adulto, mas mantém-se criança pela ingenuidade com a qual encara sua realidade. Quando o herói chega à frente de batalha, seu pai pergunta indignado por que não ficara com a mãe e os irmãos. Sua preocupação dá lugar à fúria, ele perde a compostura e dá um tabefe nas orelhas de Hussi: Depois puxou do cinto e foi um festival de pancadaria. O velho bateu, bateu, bateu-lhe tanto! De nada serviu, porque Hussi não se vergou à força destes argumentos. O pai nota que o filho não desiste, então, afirma desesperado que a guerra não é lugar para criança. Sem esperança, permite que o menino fique, alertando que terá de se portar como gente grande. (2006, p. 50-52).

Abdelei se exalta com a rebeldia do filho que insiste em ir, e vai para a guerra, mas Hussi não se curva às cindadas do pai, pois a caminho da aldeia de seus antepassados, “cruzou com procissões silenciosas a quem a guerra fez perder o destino” (2006, p.43) o menino pôde presenciar a falta de esperança, o medo, a fome e tem consciência do mal surgindo de forma mais efetiva e tangível.

Apesar de tudo Hussi não perde sua ingenuidade e pede ao pai para ir ao Porto dos Batuquinho para brincar com sua bicicleta, pois ela está sozinha, porém, seu pai afirma que “- Na guerra não se brinca” (2006, p.52). Ao portar-se como gente grande, transportou armas, levou correspondência e ajudou na cozinha, “não matou, mas viu morrer” (2006, p.53). Na guerra o tempo não passa sempre do mesmo jeito, ora “transpira adrenalina” e a vida passa em um segundo em meio aos tiroteios, ora demora uma eternidade “[.] parece armadilhado por uma sesta interminável” (2006, p.55). Apesar do caos, Hussi não perde a meninice, para isso se refugia num canto e tranca as portas do seu mundo, nesses momentos pensa em seu pai e sua metralhadora protetora, sente saudades da mãe e dos irmãos, sorri ao lembrar-se dos amigos e sonha com as partidas de futebol.

Ao contrário de outras crianças que têm medo do escuro, o garoto aperta os olhos, bem forte, porque “-aprendeu com a experiência que é no escuro que se faz a transmissão de pensamento, que é no escuro que consegue dialogar com a sua bicicleta” (2006, p.55). Hussi é um protagonista dinâmico, ao mesmo tempo em que trabalha para os militares não deixa de ser criança, característica de uma personagem esférica “portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (CÂNDIDO, 2007, p.63).

No escuro o filho de Abdelei faz uma viagem para dentro de si mesmo, e dialoga mentalmente com a sua bicicleta. O menino soldado acredita que a bicicleta indica-lhe o norte entre os arrozais minados, salva sua vida de uma emboscada, que duraram dois dias de tiroteio, com muitos homens abatidos, diz-lhe para mudar de trincheira “no dia em que uma bomba chacinou quase toda a frente leste” (2006, p. 56). Os diálogos com a bicicleta não passam despercebidos em seu batalhão, pensam que o menino está abalado, pois fala sozinho.

Como um menino autêntico, confessa ter saudades de sua bicicleta, mas também discute, em um cenário em que “a falta de comida deve transtornar o espírito, deixar as pessoas que nem baratas tontas” (2006, p.56), para logo em seguida fazerem as pazes, quando Hussi deduz que sua bicicleta tem razão, desse modo, sonha com barrigas de arroz, com peixes e com sobremesa: “uma daquelas mangas gigantes do quintal do brigadeiro Raio de Sol. Tudo acompanhado com um gostoso sumo de tamarindo. Quando veio a si, abriu os

olhos, arrotou de felicidade” (2006, p.58).

Observamos que o romance se desenvolve em tempo cronológico com o narrador em terceira pessoa, onisciente, conhece tudo, sabe tudo o que passa no íntimo das personagens, conhece suas emoções e lê seus pensamentos. “A guerra do Balão entrou no cotidiano, colou-se a pele de todos [...] só comandante Trovão acreditava que a guerra estava no fim” (2006, p.60).

O exército do Comandante Trovão tem muito medo do ditador, e não dá a real dimensão da guerra, as cenas das reuniões para o balanço da guerra, são descritas com humor e exagero. O ditador é descrito de forma cômica, era “uma figura gorda, [...]. O seu rosto era uma cascata em alvoroço tanto o suor que lhe escorria pela testa, [...]. Tinha o olhar de pit Bull anestesiado, dentes pontiagudos, desalinhados, a pele mais gordurosa do que o óleo de palma” (2006, p.63). Silva (2006) ressalta que autor ao utilizar gírias e citar um famoso pop star do mundo, contrapondo suas características visuais com o Comandante Trovão, imprime atualidade ao romance, reforça e parodia ao utilizar um animal do contexto africano:

O pintor do regime até acostumava ser generoso na maneira que retratava o todo-poderoso líder. [...] Mas não podia exagerar e foi para dar algum realismo ao seu último quadro que optou pelo meio-termo – entre as narinas do Comandante Trovão e de Michael Jackson, escolheu as do rinoceronte (2006, p. 620).

Assim, a personagem antagonista é descrita com formas caricaturais em um “jogo intertextual”. O jogo acontece quando o autor retoma sua obra, o texto jornalístico e reescreve para o texto fictício, de forma intertextual e intratextualmente como proposto por Sant’Anna (2007).

O clímax da narrativa sucede quando o feiticeiro, pressionado para explicar o motivo de a guerra estar sendo perdida, diz ao líder tirano que “eles ter uma bicicleta mágica” (2006, p.75), dessa forma, a magia evocada nos dois lados do campo de batalha, ao mesmo tempo, que parece brincar com as trocas de sílabas do feiticeiro, fazendo lembrar-se de crianças em fases iniciais da fala. Ao narrador pôr em cena a personagem do feiticeiro para salvar sua pele usa a “bicicleta mágica” reforçando a paródia, pois o feiticeiro nada entende de guerra. Ao mesmo tempo, faz um “desvio total” do seu texto base (o jornalístico) de acordo com proposto Sant’Ana (2007), pois uma guerra não se ganha com magia e sim com estratégias e armas.

Trovão decreta a cassada à bicicleta mágica, porém, seus militares não conseguem e

para não voltarem de mãos vazias, levam um selim de uma bicicleta qualquer que encontraram. Uma bicicleta mágica como arma secreta da guerra em outros contextos causaria estranhamento, porém com um ditador que coleciona excentricidades, logo aceita a ideia. O narrador dialoga com o “maravilhoso” ao optar por uma arma mágica secreta, satirizando parodisticamente o total despreparo militar do Comandante Trovão e seu pelotão, diante das tropas do Comandante Raio de Sol. Desse modo, ao inserir um objeto mágico à narrativa ficcional, distancia-se do texto jornalístico e dinamiza o enredo pela estratégia da paródia. O leitor tem ciência que bicicleta não é uma arma bélica, o que ridiculariza ainda mais a situação.

Nas trincheiras o pobre menino ouve que prenderam e decapitaram uma bicicleta mágica. Ele imagina que seja a sua e entra em desespero, “chora como uma Madalena”. Seus amigos tentam consolá-lo e prometem ir a Batuquinhos averiguar os fatos, foram “dois dias em que a amizade por Hussi foi mais forte do que todos os perigos” (2006, p.93).

O narrador, circularmente, fecha a história, assim como começou, em um dia de domingo. O ditador é vencido, mas não abandona seus sentimentos mesquinhos, e pede ao feiticeiro que o transforme em mosca tsé-tsé para picar toda gatinha. O garoto é considerado um herói pelos companheiros de guerra, por sua coragem, determinação e principalmente pela sua inocência, mas dos despojos só tem uma fitinha tricolor que amarra em volta da testa. O narrador insinua que outros meninos tiveram menos sortes, mas que Hussi tem sorte “porque sobrou”, aliás, de muita sorte, pois sua família também “sobrou” (2006, p.1012), isto é, escaparam da morte.

Os pensamentos de Hussi não se acalmarão com o fim da guerra, sentia falta da sua bicicleta. Saltou para Porto de Batuquinhos, retornou a casa assim que pôde, para ao menos obter uma pecinha da bicicleta, para fazer um “funeral digno” e deparou-se com tudo revirado e destruído, porém ele avista o talismã que colocara sobre o local em que enterrara a bicicleta. Seu coração se enche de esperança e “[...] desatou a cavar, as mãos à procura do seu tesouro mais valioso [...]” (2006, p.110). Em meio à busca, um jogo infantil inicia-se, a bicicleta dá dicas de onde está, para isso utiliza a brincadeira, como se fossem duas crianças: “frio, morno, [...] quente e arde [...] compreende que o seu tesouro mais valioso estava são e salva”, mesmo pintado de lama [...] os raios das rodas a contorcem-se de alegria” (2006, p.111).

Em meio à brincadeira, Hussi questiona a amiga bicicleta por que mudara de lugar? O narrador surpreende o leitor com a resposta. A bicicleta informa que “morria de fome”, saíra para arranjar óleo. Hussi pergunta o porquê de não terem conseguido mais conversar, ela

afirma que a camada de óleo no chão impediu a transmissão de pensamentos. Eles discutem, pois o menino queria ter sido avisado, “[...] mas como sempre acontecia, as brigas entre eles acabavam sempre em reconciliação. Em trocas de mimos” (2006, p.112).

A bicicleta confessa que sempre soube que o amigo voltaria, Hussi rebate dizendo que poderia ter morrido de desgosto, a bicicleta lembra-lhe que não poderia morrer, pois prometera voltar. O herói replica que, em uma guerra, “[...] nunca se cumprem promessas. Apenas se cruzam destinos [...]” (2006, p.112). Araújo nessa cena faz crítica às promessas utópicas feitas nas guerras, que na maioria das vezes não são cumpridas, essa é realidade vivida por países do continente Africano. Enfim, agora, à “[...] luz do dia, olhos nos olhos, sem transmissão de pensamento” (2006, p.113). O garoto limpa sua bicicleta e amarra no guidão a fitinha tricolor e ao sentar no selim se sente o “[...] dono do mundo. E os dois pedalarão para a eternidade” (2006, p.113). Araújo inicia a história com “era domingo”, o que nos remete aos contos de fada, fazendo lembrar o encantamento do “era uma vez”. Mas, ao contrário dos contos de fadas que terminam com “viveram felizes para sempre” o autor opta por deixar um espaço para que o leitor deduza que caminho é esse para a eternidade? Hussi, realmente, encontrou a bicicleta em Porto dos Batuquinhos e ambos permaneceram vivos?

As personagens que representam o poder político, com a qual a luta estava sendo travada, possuem características exageradas de forma humorística e paródica. Diferente da linguagem jornalística que narrava os fatos de uma guerra, Araújo no texto ficcional recria o contexto da guerra e para isso utiliza a intertextualidade, o diálogo com o maravilhoso e referências culturais, de forma dinâmica. “Ora, o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido recalcado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica” (SANT’ANNA, p. 32, 2007). À luz da citação, consideramos que Araújo ao reescrever a história de Hussi, imerso em sua realidade sócio-histórica, produz em seu discurso um efeito de crítica social produtiva, por meio da literatura.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mediante a leitura de *Comandante Hussi*, demonstramos como a obra literária utiliza-se da estratégia parodística para criar efeitos de denúncia social, organiza a experiência de um menino em um cenário de privação da infância, simbolizada pela sua bicicleta, é também a da esperança do reencontro, e a crença na prevalência da criança, pelo viés da imaginação, em

linguagem dinâmica e poética.

Jorge Araújo elabora uma paródia do conflito político-militar, entre o poder constituído por Nino Viera (Comandante Trovão) e o Brigadeiro Ansumane Mané (Comandante Raio de Sol), cuja personagem central é o menino Hussi que também é transposto da realidade da guerra em Guiné-Bissau. Como já foi pontuado, as relações entre Guiné-Bissau e Cabo Verde são antigas, ambas fizeram parte do mesmo projeto político, que tinha o intuito de libertarem-se de Portugal, mas, infelizmente, a sede de poder falou mais alto. Essa relação paradoxal também pode ser vista pelo tratamento amoroso que é dado, pelo narrador, à personagem central, desde seu nascedouro, o texto jornalístico, até a ficção, transcendendo as fronteiras entre o real e o imaginário e provocando nos leitores a busca por seus significados.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. De Vãos e Ilhas: **Literatura e Comunitarismos**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003.

ARAÚJO, Jorge. **Comandante Hussi** / texto de Jorge Araújo; desenhos de Pedro Sousa Pereira – São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. Comandante 3: **o rebelde mais novo da Guiné**. In: **O Independente**. Lisboa, 21 a 28 de maio de 1999.

CAMPOS, Maria Inês Batista. **Esferas da linguagem**, 1º ano / Maria Inês Batista Campos, Nívia Assumpção. – 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2016.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: _____ et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007a, p. 51-80.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1967.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1972.

CARVALHAL, Tânia Franco (org.). **Saramago na Universidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 1999.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Literatura brasileira e africana em diálogos: reflexões acerca da representação da infância nas obras Meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro de Vasconcelos e Comandante Hussi, de Jorge Araújo**. ABRALIC: Belém, PA, 2015.

LIMA, Márcia Elizabeti Machado de. **Intertextualidade: leitura, releitura, escritura e transgressão**. UNEMAT: Cáceres, MT, 2015.

LIMA, Márcia Elizabeti Machado De. **Capitães da Areia e Cinco Balas contra a América: Escrita, Transgressão e Militância em Narrativas Engajadas**. 2018. 180. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-Graduação Strictu Sensu (Doutorado) Estudos Literários, PPGEL: Tangará da Serra, 2018.

SANT`ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.
SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias Africanas: História & Antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, Avani Souza. **Narrativas orais, Literatura Infantil e Juvenil e identidade cultural em Cabo Verde**. / Avani Souza Silva ; Orientadora Simone Caputo Gomes. – São Paulo, 2015.

WOOLLACOTT, John. **A Luta Pela Libertação Nacional Na Guiné-Bissau E A Revolução Em Portugal**. *Análise Social*. Vol. XIX (77-78-79), 1983- University of Manchester, 1983.